

Gravação do CD do Programa Corra pro Abraço: uma experiência sociomusical

*Juracy do Amor Cardoso Filho
Universidade Federal da Bahia
doamor@msn.com*

Resumo: Na perspectiva de colaborar com processos de ensino e aprendizagem em música com pessoas beneficiárias do Programa Corra pro Abraço, descrevo através de uma postura participativa, engajada, dialógica, compartilhada e colaborativa, como aconteceu a gravação do CD “Outros caminhos são possíveis”, por pessoas em situação/contexto de rua, exclusão e vulnerabilidade social na cidade de Salvador-BA.

Palavras-chave: Música. Vulnerabilidade social. Pessoas em situação/contexto de rua. Gravação de CD. Etnomusicologia.

Record of the CD of the Program Corra pro Abraço: a Socio-Musical Experience

With the prospect of collaborating with teaching and learning processes in music with people of benefit of the program Corra pro Abraço, I describe through a participatory, engaged, dialogical, shared and collaborative posture, as happened to the CD “Outros caminhos são possíveis”, recording by people in street situation/context, exclusion and social vulnerability in the city of Salvador-BA.

Keywords: Music. Social vulnerability. People in street situation/context. CD recording. Ethnomusicology.

Silêncio no estúdio... Gravando

Neste artigo apresento um relato de experiência concernente às intervenções etnomusicológicas e educacionais vinculadas à minha pesquisa de doutorado em andamento na UFBA¹, a qual foi desenvolvida em associação ao Programa Corra pro Abraço. O referido Programa é uma iniciativa do Governo do Estado da Bahia, através da Superintendência de Política sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis (SUPRAD) e da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS)². Tem como objetivo a promoção da cidadania e viabiliza garantias de direitos de pessoas que se encontram em contextos de maior vulnerabilidade social³.

As intervenções aconteceram entre agosto de 2017 e dezembro de 2018, na qual resultou, dentre outros⁴ resultados/produtos, na gravação do CD: “Outros caminhos são possíveis”, produto fruto das práticas musicais de pessoas que se encontram em situação/contexto de rua, exclusão e vulnerabilidade social e que frequentaram⁵ as oficinas de música do professor Xequerê⁶, no Programa Corra pro Abraço na cidade de Salvador-BA, uma cidade onde existe um imenso abismo racial e de gênero (GARCIA, 2010) e onde a força da

segregação ainda é muito expressiva. O CD foi o registro das obras autorais trabalhadas⁷ nas oficinas de música e sua realização se deu por um processo de construção coletiva.

Com a perspectiva de desenvolver processos de ensino e aprendizagem em música e (re) construção de sociabilidades, vínculos e afetos, colaborei com as oficinas de música com os/as beneficiários/as na sede⁸ do Programa. As oficinas fizeram parte da minha pesquisa em etnomusicologia, fundada na etnografia musical (SEEGER, 2008), através da qual foi possível interpretar como homens e mulheres dialogaram, interagiram, riram, choraram, dançaram, cantaram, se expressaram e revelaram suas experiências e seus saberes localizados (HARAWAY, 1995) a partir e por meio da música. Tratou-se de uma pesquisa inter e transdisciplinar (ALMEIDA, 2005), que buscou integrar contribuições advindas de campos teóricos das Ciências Sociais, Antropologia, Música e Etnomusicologia. Apresento o relato da experiência através do método autoetnográfico (LÓPEZ-CANO; SAN CRISTÓBAL, 2014), “[...] o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas [...]” (SANTOS ALVES, 2017, p. 219). Esse direcionamento foi inevitável, já que estive inserido em todo o processo como pesquisador, educador, amigo, músico, produtor e colaborador, sendo assim, “[...] a autoetnografia torna-se tanto processo como produto da pesquisa (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011)” (ibidem, p. 220). Os/as participantes do CD são pessoas beneficiárias do Programa Corra pro Abraço, com faixa etária entre 18 e 65 anos, muitas em situação/contexto de rua, oriundas de diferentes realidades, a maioria negras e negros, com baixa ou nenhuma renda fixa e pouca formação escolar.

Após treze meses de oficinas recebemos a notícia que iríamos gravar as músicas que trabalhamos nos encontros musicais, através de uma parceria efetivada entre a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia e o estúdio do Bloco Ilê Aiyê⁹. As gravações aconteceram entre os dias 2 e 13 de abril de 2018. A expectativa de todos e todas estava alta. Muita ansiedade, euforia e um pouco de nervosismo, mas isso é natural em qualquer trabalho musical que se tem desejo de realizar. Adentrar o estúdio do Ilê Aiyê, na Senzala do Barro Preto, no bairro do Cururu/Liberdade, Salvador, Bahia, parecia um sonho. Com amor e dedicação as pessoas que fizeram parte das oficinas de música adentraram um novo universo, o estúdio do Ilê Aiyê, para gravar suas composições e registrar suas práticas musicais.

Cheguei ao estúdio para ajudar o técnico de som Israel Barão a arrumar o local, ou seja, montagem e passagem de som. Escolhemos os microfones, os posicionamos na sala e testamos todas as vias de comunicação e monitoramento que seriam necessárias para realizar a

gravação. Depois de ter deixado tudo pronto, os/as aguardei na entrada principal, um corredor que leva até o estúdio, que fica aos fundos do prédio da Senzala do Barro Preto/ Ilê Aiyê. A turma chegou no período vespertino, junto com os educadores sociais e redutores de danos, além de uma assessora de imprensa do Programa. Já na chegada percebi o entusiasmo estampado nos rostos dos/das participantes, era a alegria e orgulho em poder materializar/registrar todo um trabalho que foi cuidadosamente e carinhosamente desenvolvido nas oficinas.

Já no estúdio eu e o professor Xequerê, descemos até a sala de gravação e apresentamos as dependências. Explicamos tudo sobre o estúdio e sobre o processo de gravação. Apresentamos os microfones, falamos sobre acústica e sobre a importância de se ter salas isoladas com materiais acústicos. Apresentamos os fones de monitoramento e discutimos sobre como seria a melhor forma de executar os tambores na hora da gravação. O objetivo foi encontrar a suavidade, precisão, leveza, harmonia, sincronicidade rítmica, groove, balanço e transformar tudo isso em estruturas sonoras de poder. Estávamos ali para registrar parte do processo que trabalhamos e desenvolvemos nas oficinas, não necessitávamos de arranjos elaborados, a proposta foi gravar com a maior organicidade possível as práticas musicais vivenciadas.

Foram os/as beneficiários/as do Programa que executaram os instrumentos de percussão, para tanto, foi fundamental explicar sobre a relação de “força” na hora de executar um instrumento, na hora do ataque. Nesse momento, trabalhamos dentro do estúdio a precisão do toque e a sensibilidade. Explicamos que os bons microfones que ali estavam e os pré-amplificadores fariam o trabalho de amplificação. Com os tambores afinados e regulados, as sessões de gravação ficaram definidas em: três surdos, bacurinha, duas caixas e timbal. Construímos uma performance de execução baseada em perguntas e respostas. Eu e Xequerê conduzimos os/as músicos/as e aos poucos a energia foi ficando cada vez mais forte e todos e todas mais confiantes. Conseguimos criar uma onda de sintonia fina no processo da execução para gravar. Ou seja, o entendimento e diferenciação de que tocar na rua, como aconteceu no carnaval de Salvador em 2017, era uma coisa, lá precisava ser forte, mas gravar no estúdio necessitaria o estabelecimento de uma nova relação, isso exigiu maior sensibilidade e gerou possibilidades de aprendizado fino sobre as dinâmicas de intensidade e também sobre dinâmicas de andamentos.

No primeiro dia conseguimos gravar duas guias com voz e gravamos as percussões com os assistidos e as assistidas tocando. Foi incrível ver a maturidade e o entendimento sobre

o processo de gravação. Pessoas que nunca adentraram um estúdio na vida se comportaram como músicos experientes, generosos e delicados, pois entenderam a relação microfone e amplificação e souberam executar os toques nos tambores de tal forma que a captação ficou com excelente qualidade. A energia foi contagiante, durante essa semana gravamos mais de seis temas musicais, basicamente percussão, violão e voz. Apesar de já termos boa parte dos arranjos prontos, algumas mudanças aconteceram na hora da gravação, mas esse é um processo natural e faz parte do trabalho, a energia estava lá, sorrisos e autoestima em formas de batidas e harmonias musicais. Fizemos uma linha de percussão com dois graves, bacurinha e caixas, no bom estilo Olodum/Ilê Aiyê. Executamos os temas com paciência, dinâmica e precisão rítmica. Claro que em alguns momentos a sensação rítmica flutuava um pouco, mas era momentâneo, depois de algumas vezes passando a música junto ao metrônomo, os corpos se adaptavam e mantinham a pulsação. Vale salientar que muitas vezes músicos profissionais não têm uma boa relação com o metrônomo, imagine pessoas que nunca tocaram com um metrônomo? Acredito que o encontro com este equipamento foi um dos grandes desafios na hora da produção das músicas, mas o desejo e a sensibilidade falaram mais alto e tudo deu certo. Para a satisfação de todas(os) presentes no Ilê Aiyê, a parte rítmica ficou brilhantemente gravada, afinada e cheia de balanço.

A gravação foi a culminância do processo de educação musical. Um processo conquistado dia a dia através das oficinas, conversas, escutas, olhares, práticas musicais localizadas e sensíveis, que deram a direção do trabalho e que nortearam todo o processo de ensino/aprendizagem e gravação. Muitas vezes, eu e Xequerê nos olhávamos e comentávamos com o técnico Israel sobre a execução dos tambores e dos outros instrumentos de percussão. Comentávamos que a pulsação e a dinâmica estavam tão boas, que no processo de ouvir o que gravávamos, sentíamos uma vibração como se estivéssemos gravando com músicos experientes, parecia que estávamos diante de músicos profissionais, habituados em gravar, experientes em estúdio. Uma intimidade natural foi desenvolvida de forma muito espontânea. O desejo de registrar as obras musicais energizou o ambiente. Perguntas como: “Ficou bom?”, “Posso fazer de novo?”, “Acho que posso fazer melhor!” “[...] quero repetir essa voz”, ou então, “somos nós aí tocando? Eu não acredito!”. Essas situações emergiram nos momentos da gravação. Durante as gravações transitei entre a sala de gravação e a sala técnica, eu e Xequerê decidimos ser melhor que ele conduzisse a parte da percussão na sala de gravação e eu e Israel ficássemos na técnica desenhando as ideias musicais e sentindo como o som ficaria registrado. Toda a gravação se baseou no processo de sentir a pulsação, o encontro com o metrônomo, o

andamento, a tonalidade, a forma, as expressões ao cantar, ao tocar, as dinâmicas de intensidade etc. Enquanto tudo isso acontecia, simultaneamente nos olhávamos enquanto tocávamos, era o processo de ouvir e sentir como ficaria melhor, ou seja, tudo que envolve uma produção musical.

Repetimos várias vezes as faixas até encontrarmos o registro ideal. Não foi uma busca pela perfeição, mas sim, por um trabalho que demonstrasse além de toda dignidade já inerente, apresentasse uma linda performance musical. Na sala técnica, também executei a parte harmônica com o violão, onde acompanhei os/as cantores/as. Gravamos juntos as guias: voz e violão com a percussão para criar uma pulsação contagiante. O processo de construir a guia de cada música foi fundamental, ela nos ajudou com os arranjos, com a forma da música, com os andamentos e principalmente com as tonalidades. Com a estrutura desenhada de cada música, ficou mais tranquilo prosseguirmos com as gravações. Foram duas semanas de intensa produção musical e também de geração de conteúdo para a vida dessas pessoas. Utilizamos em média 40 horas de estúdio para gravar 8 faixas.

Saliento que esta foi a primeira vez que o estúdio do Ilê Aiyê, após anos de seu funcionamento, abriu as portas de fato para um projeto social. Achei este fato muito curioso, já que, pressupostamente o estúdio também deveria servir à comunidade local e a outros projetos socioculturais da cidade de Salvador. Ao mesmo tempo, fiquei feliz em perceber que essa iniciativa aconteceu junto as pessoas em situação/contexto de rua. A feitura deste CD possibilitou (trans) formações que colaboraram para o aumento da autoestima e bem-estar das pessoas envolvidas e seguramente se transformou numa importante realização para o projeto de vida de muitos(as) assistidos(as) pelo Programa. Todos e todas exerceram um papel importante no processo, minha atuação foi de forma colaborativa, engajada e afinada com os pressupostos epistemológicos da etnomusicologia engajada brasileira. Participei do CD como músico, produtor, arranjador e diretor junto ao amigo, parceiro e também produtor e diretor musical Xequerê. Colaborei nas oficinas na construção dos arranjos, harmonias, formas musicais, na escolha das tonalidades, andamentos, texturas, jeitos de se fazer, de cantar, de tocar, respirar, relaxar, jeitos de gravar etc. Senti-me realizado e orgulhoso com essa produção.

Ao final do mês de julho de 2018 recebi a ligação de Xequerê para retomarmos as gravações. Neste segundo momento dedicamos nossa atenção para gravar as peças que faltavam, ou seja, a guitarra, o violão, as percussões finas, o baixo e/ou alguma ideia que acontecesse na hora e que ficasse legal. Desta vez as gravações aconteceram nas duas primeiras semanas de agosto de 2018, no estúdio¹⁰ pessoal do técnico Israel Barão. Durante o processo

escutamos tudo que havíamos registrado no estúdio e partimos para finalizar o trabalho com um pensamento que avaliamos ser condizente com a proposta, ou seja, não criar nada muito elaborado, ou muito complexo. A ideia foi deixar tudo o mais próximo possível da intenção construída nas oficinas. Fiz as linhas de violão, contrabaixo e guitarra em quase todas as faixas, além de um sintetizador/moog. Xequerê gravou o pandeiro, o berimbau e efeitos diversos de percussão. Israel Barão executou o baixo e o sintetizador/moog em uma das faixas. Finalmente chegamos ao produto final.

Em 10 de dezembro de 2018 recebi uma mensagem do professor Xequerê sobre o lançamento do CD, que finalmente seria no dia 18 de dezembro de 2018, na sala Walter da Silveira, às 17 horas na Biblioteca Central dos Barris¹¹, Salvador-BA. Nos dias 13 e 17 de dezembro de 2018 me encontrei na sede do Programa com Xequerê e com as/os participantes do disco para ensaiar a performance. No dia 13 de dezembro de 2018 não compareceram muitas pessoas, mas combinamos como seria a performance e roteiro de apresentação. No dia 17 de dezembro de 2018 começamos o ensaio na sede do Corra às 15 horas, dessa vez muita gente apareceu e conseguimos definir o roteiro de performance. Durante o ensaio, Alcides Ribeiro¹² comentou que sua voz no disco não tinha ficado boa, pegou o violão e começou a tocar e a cantar, me olhava e dizia: “Tá vendo professor, eu tô cantando bem! Por que não tá assim no disco? Eu acho que tô cantando bem melhor, não? Acho que no disco tá bom, mas eu poderia fazer melhor, você não acha?”. Nesse momento ele foi interrompido por Josuel¹³, que comentou: “Você realmente está tocando melhor e cantando melhor, mas é porque você está praticando bastante, não? Você começou isso depois da gravação, é, ou, não é?”. Neste momento Alcides sorriu e comentou: “Sim, é verdade, estou praticando e cantando melhor, sinto isso... por falar nisso... Juracy como é este acorde aqui?”. Com o violão no colo foi tocando e me apresentando os desenhos dos acordes. Alcides seguramente já se encontrava em outro nível de prática e discussão sobre música e teoria musical, já estava escolhendo os caminhos a serem tomados, (re) harmonizando e (re) construindo saberes sobre sua própria prática musical.

No dia do lançamento cheguei um pouco mais cedo, o primeiro da turma que chegou foi Alcides, e logo depois, Jedilson, Lidineia, Silvano, Cledson, Josuel, Robson, Seu Almir e D. Heloína¹⁴. Logo também chegaram Xequerê e os profissionais do Corra. Arrumamos tudo, desde o palco até os comes e bebes que aconteceram ao final do evento. Concentrei-me com Xequerê e com o grupo no palco, passamos as músicas, vestimos os figurinos e aguardamos ansiosos o momento da performance. O evento começou às 17 horas e após as falas iniciais da coordenadora do Corra, Trícia Calmon, do beneficiário do serviço e artista/músico

Robson da Hora, da superintendente da SUPRAD¹⁵, Denise Tourinho, e do presidente da COMVIDA¹⁶, subimos ao palco e executamos sete músicas das oito que gravamos no disco.

Foi uma noite de muita emoção, amor e afetividade, a alegria tomou conta da Sala Walter da Silveira. Os CDs foram distribuídos para todas as pessoas que participaram do evento e cada integrante da banda recebeu dez discos para distribuição. Vivenciamos um lindo musical local (REILY, 2016; FINNEGAN, 1989; SMALL, 1998), desde os encontros, a criação das composições, os arranjos, as aulas e oficinas de música em si, onde o ponto alto foi a gravação do CD. Uma produção sensível de música por pessoas que muitas vezes não têm o que comer, o que vestir, não possuem uma casa, nem uma cama para dormir, mas realizaram um lindo trabalho musical, crítico, atemporal e altamente comprometido, engajado social e politicamente.

Com isso, chegou por fim meu campo de pesquisa no Programa Corra pro Abraço, certo de que as práticas musicais¹⁷ se configuraram como excelentes práticas redutoras de danos, fortalecerem a construção e manutenção de vínculos, afetos e colaboraram para a melhoria substancial da autoestima das pessoas envolvidas. A partir dessa experiência, acredito que avançamos nos caminhos para a (re) socialização de pessoas em vulnerabilidade social por meio da música e suas práticas. Espero que este relato de experiência possa reverberar em outras pesquisas, fomentando a estruturação de novos/outros trabalhos vinculados a práticas musicais engajadas, inclusivas e participativas, colaborando com outros grupos sociais menos favorecidos. Existem sim outros caminhos possíveis. Tá tudo aí! Para ouvir o disco basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=_xo11Y6K5wQ>. Escute alto e com amor!

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na Saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 3, p. 30-50, set./dez. 2005.

FINNEGAN, R. *The Hidden Musicians: Music-making in an English town*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GARCIA, A. S. Relações de gênero, raça, classe e desigualdades sócio-ocupacionais em Salvador. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010. p. 1-14. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275930508_ARQUIVO_ArtigoCongressoCienciasSociais.pdf>.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

LÓPEZ-CANO, R.; SAN CRISTÓBAL, U. *Investigación artística en música: Problemas, métodos, experiencias y modelos*. Barcelona, 2014.

REILY, S. A. Local Music Making and the Liturgical Renovation in Minas Gerais. In: REILY, S. A.; DUECK, J. M. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Music and World Christianities*, Oxford University Press, 2016. p. 315-339.

SANTOS ALVES, S. M. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SEEGER, A. Etnografia da música. Tradução de Giovani Cirino; revisão técnica de André-Kees de Moraes Schouten e José Glebson Vieira. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SMALL, C. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

Notas

¹ Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música.

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/corraproabraco/>>.

³ O Programa atua prioritariamente nas áreas da saúde, assistência social, educação e justiça. Aproxima as pessoas para se beneficiarem das políticas públicas existentes e facilita o acesso e o acolhimento pelos serviços públicos.

⁴ Participação no carnaval de Salvador-BA, na festa de aniversário do Movimento de População de Rua de Salvador, dentre outros eventos;

⁵ Também frequentam outras instituições e projetos socioculturais, além de outros dispositivos da rede de atenção psicossocial da cidade de Salvador-BA.

⁶ Adailson Paixão da Silva, carinhosamente conhecido por Dainho Xequerê, é educador social, redutor de danos e professor de música do Programa Corra pro Abraço.

⁷ Inicialmente nas ruas e posteriormente na sede do Programa.

⁸ Endereço atual (2019): Rua Ladeira da Independência, 247, Nazaré, Salvador-BA.

⁹ [...] o mais antigo bloco afro do Brasil [...] responsável por um dos desfiles mais esperados e aplaudidos do Carnaval de Salvador. Disponível em: <<http://www.ileaiyeficial.com/o-bloco/>>.

¹⁰ Localizado no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, Salvador-BA.

¹¹ A Biblioteca Central dos Barris é a primeira do Brasil e da América do Sul, e a maior do estado da Bahia. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/salvador/arte/estabelecimento/biblioteca-central-dos-barris>>. Acesso: 10/12/18.

¹² Interlocutor, músico participante das oficinas e do disco, autor da música: Tributo a Salvador.

¹³ Interlocutor, músico participante das oficinas e do disco.

¹⁴ Interlocutores/as, músicos/as participantes das oficinas e do disco.

¹⁵ Superintendência de Políticas sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis.

¹⁶ Comunidade Cidadania e Vida – COMVIDA. Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

¹⁷ As oficinas, práticas musicais e todo o processo de pesquisa vivenciado até a gravação do CD, promoveram uma devolutiva imediata aos/às participantes.